

# COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DO SEGMENTO CACAUEIRO NOS ESTADOS DA BAHIA E DE SÃO PAULO<sup>1</sup>

Wesley de Freitas Barbosa<sup>2</sup>

Eliane Pinheiro de Sousa<sup>3</sup>

Naisy Silva Soares<sup>4</sup>

## 1 - INTRODUÇÃO

O cacau é originário das regiões de florestas pluviais da América Tropical, onde é explorado até hoje o cacau silvestre, desde o Peru até o México. Para os botânicos, o cacau é procedente das cabeceiras do rio Amazonas, tendo se expandido em duas direções principais, originando dois grupos importantes: *Criollo* e *Forasteiro*. O cacau *Criollo* espalhou-se em direção ao norte, para o rio Orinoco, penetrando na América Central e sul do México, produz frutos grandes, com superfície enrugada. Esse tipo de cacau foi cultivado pelos índios Astecas e Maias. O cacau *Forasteiro* difundiu-se na bacia amazônica abaixo e em direção às Guianas, sendo considerado como o verdadeiro cacau brasileiro. Caracteriza-se por frutos ovóides, com superfície lisa, imperceptivelmente sulcada ou enrugada. Para se desenvolver melhor, o cacau necessita de solos profundos e ricos e clima quente e úmido, com temperatura média de cerca de 25°C e precipitação anual entre 1.500 e 2.000 milímetros, sem períodos secos prolongados (CEPLAC, 2013).

No Brasil, o cacau adaptou-se perfeitamente ao clima e solos do sul da Bahia, trazendo muita prosperidade para Ilhéus e toda a Mesorregião Sul Baiana, constituindo-se num dos pilares fundamentais para o enriquecimento de inúmeras famílias de cacauicultores, contribuindo muito para o desenvolvimento regional (CUENCA; NAZÁRIO, 2004).

A prosperidade resultante da cultura do cacau despertou o interesse da produção por outros países, gerando o aumento da produção mundial, que, por sua vez, ocasionou a instabilidade do mercado internacional e consequente redução nos preços. Essa queda nos preços inviabilizou o uso intensivo de mão de obra e de capital no Brasil, fazendo com que os produtores abandonassem as lavouras, aumentando a incidência de doenças e reduzindo mais a produtividade. Além desses fatores, a situação da cacauicultura foi agravada pela incidência da doença “vassoura-de-bruxa”, que ocasionou um forte impacto socioeconômico negativo para a região (GONZALES et al., 2013).

Entretanto, não se pode atribuir a decadência da cacauicultura exclusivamente aos efeitos danosos provenientes dessa doença. Esse declínio foi ocasionado por um conjunto de fatores como a instabilidade do mercado internacional e a redução nos preços, que desmotivou os produtores a continuarem explorando essa cultura, fazendo com que eles se descuidassem da adoção dos tratamentos culturais e das práticas de manejo.

De acordo com Estival, Correa e Cintra (2010), apesar dos problemas estabelecidos no sistema produtivo, como o elevado grau de endividamento dos produtores, dificuldades para o acesso às inovações tecnológicas e agregação de valor à produção e para o controle da “vassoura-de-bruxa”, o cacau ainda apresenta papel relevante na pauta das exportações do agronegócio brasileiro.

Dados do IBGE (2012) mostram que a quantidade produzida e o valor da produção de cacau (em amêndoa) no Brasil foram, respectivamente, 235.389 toneladas e R\$1.229.880 em 2010, sendo que 148.254 toneladas e R\$781.302 foram provenientes da Bahia. O Estado de São Paulo não registrou produção de cacau em 2010. Entretanto, dentre os estados brasileiros, São Paulo se destaca como o segundo maior expor-

<sup>1</sup>Registrado no CCTC, IE-13/2013.

<sup>2</sup>Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e Bolsista de Iniciação Científica PIBIC CNPq (e-mail: barbosa.wesley@gmail.com).

<sup>3</sup>Economista, Doutora, Professora adjunta do Departamento de Economia da Universidade Regional do Cariri (URCA) (e-mail: pinheiroeliane@hotmail.com).

<sup>4</sup>Economista, Doutora, Professora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) (e-mail: naisysilva@yahoo.com.br).

tador do segmento cacauero, que compreende o fruto, as suas partes e seus derivados, como a pasta e a manteiga de cacau, o cacau em pó, o chocolate e as demais preparações alimentícias que contenham o cacau, ou seja, adquire os insumos de outros estados, transforma-o e comercializa com o mercado internacional.

A tabela 1 apresenta a evolução dos seus valores exportados, com as respectivas taxas de crescimento e participações desses estados no valor gerado pelas exportações brasileiras entre 1997 a 2011.

Os dados indicam que embora tenham ocorrido oscilações no valor exportado de cacau e suas preparações nesses últimos quinze anos, percebem-se acréscimos de 132,03% e 59,81%, respectivamente, nos Estados da Bahia e de São Paulo entre 1997 e 2011, sendo que o estado baiano excedeu ao crescimento brasileiro ocorrido neste segmento que foi de 126,68% neste período. Em termos comparativos com o Brasil, verifica-se que, dos US\$ 420,6 milhões referentes às exportações brasileiras de cacau e suas preparações, US\$ 284,5 milhões e US\$ 53,9 milhões, respectivamente, foram proveniente dos estados baiano e paulista, isto é, esses estados foram responsáveis por 80,49% do valor gerado pelas exportações brasileiras desse segmento analisado.

Esses indicadores econômicos demonstram que o cacau e suas preparações exercem importante contribuição na geração de emprego, renda e divisas.

Nesse contexto, dada a importância desempenhada pela atividade cacauera no país, torna-se relevante a realização de estudos que busquem avaliar a competitividade dessa *commodity* por meio da mensuração dos indicadores de desempenho. A elaboração desses indicadores assume papel importante na formulação de estratégias competitivas e políticas governamentais com o intuito de expandir a participação de tais produtos no cenário internacional.

Essa questão tem sido largamente empregada na literatura econômica internacional e nacional para diferentes *commodities*. Os estudos realizados por Fertö e Hubbard (2002); Batra e Khan (2005); Lacayo e Morales (2007); e Serin e Civan (2008) são exemplos de aplicações na literatura internacional. No Brasil, pode-se citar, por exemplo, os estudos recentes desenvolvidos

por Esperança, Lírio e Mendonça (2011); Coronel, Sousa e Amorim (2011); Soares, Sousa e Barbosa (2012); e Barbosa et al. (2012). Entretanto, não se encontraram estudos que analisem a competitividade das exportações nacionais de cacau a partir dos indicadores de desempenho. Portanto, este estudo busca contribuir nesse sentido. Assim, o objetivo deste trabalho consiste em avaliar a competitividade das exportações do cacau e suas preparações nos dois maiores Estados brasileiros exportadores, Bahia e São Paulo, durante os últimos quinze anos.

Além dessas considerações introdutórias, este artigo apresenta quatro seções, sendo que os fundamentos teóricos estão apresentados na segunda seção. A metodologia faz parte da terceira. Em seguida, apresentam-se e discutem-se os resultados e a última seção é destinada às principais conclusões do estudo.

## 2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O referencial teórico deste trabalho foi construído tomando como base os fundamentos teóricos do comércio internacional e da competitividade, sendo notório destacar que os pioneiros dessas teorias foram os clássicos Adam Smith e David Ricardo, que enfocaram, respectivamente, as teorias das Vantagens Absolutas e das Vantagens Comparativas.

De acordo com Passos e Nogami (2005), um produto possui uma vantagem comparativa quando uma instituição precisa de uma quantidade menor de insumos para produzi-lo, enquanto a vantagem comparativa é utilizada para descrever o custo de oportunidade de duas instituições. Uma instituição que abre mão de produzir vários bens para produzir apenas um bem específico, tem menor custo de oportunidade de produção desse bem específico, logo apresenta vantagem comparativa na sua produção.

Replicando a análise para países, tem-se que um país possui vantagem comparativa na produção de um dado bem se for relativamente mais eficiente na produção desse mesmo produto. Com base nessa lei, pode-se dizer que todos os países se beneficiam do comércio internacional mesmo que sejam absolutamente menos eficientes na produção de todos os bens. Para isso, basta que se especializem na produção dos

TABELA 1 - Exportações Brasileiras, Baianas e Paulistas de Cacau e suas Preparações no Período de 1997 a 2011

Ano	(US\$)							
	Brasil		Bahia		São Paulo		BA/BR	SP/BR
	Valor	%	Valor	%	Valor	%	(%)	(%)
1997	185.547.867		122.641.140		33.769.264		66,10	18,20
1998	206.197.588	11,13	145.398.369	18,56	25.421.705	-24,72	70,51	12,33
1999	158.058.391	-23,35	104.751.320	-27,96	21.431.212	-15,70	66,27	13,56
2000	163.211.592	3,26	99.276.104	-5,23	26.708.090	24,62	60,83	16,36
2001	174.178.966	6,72	89.763.064	-9,58	41.287.666	54,59	51,53	23,70
2002	206.585.489	18,61	134.504.071	49,84	27.715.902	-32,87	65,11	13,42
2003	321.077.477	55,42	213.271.752	58,56	53.180.239	91,88	66,42	16,56
2004	320.043.548	-0,32	194.066.205	-9,01	59.792.943	12,43	60,64	18,68
2005	386.863.155	20,88	224.422.685	15,64	86.170.900	44,12	58,01	22,27
2006	362.396.609	-6,32	209.585.026	-6,61	71.997.166	-16,45	57,83	19,87
2007	364.946.758	0,70	224.650.496	7,19	64.038.059	-11,05	61,56	17,55
2008	400.525.012	9,75	262.214.836	16,72	55.936.247	-12,65	65,47	13,97
2009	352.338.025	-12,03	234.193.224	-10,69	40.976.739	-26,74	66,47	11,63
2010	418.784.675	18,86	296.244.851	26,50	47.272.767	15,36	70,74	11,29
2011	420.607.605	0,44	284.570.655	-3,94	53.966.136	14,16	67,66	12,83

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da MDIC/SECEX (2012).

bens em que são relativamente mais eficientes, isto é, nos produtos que apresentam vantagens comparativas, adquirindo aqueles nos quais são relativamente menos eficientes (KRUGMAN; OBSTFELD, 2005).

Para Passos e Nogami (2005), a teoria da vantagem comparativa procura mostrar que a especialização da produção incentiva o comércio internacional e favorece o consumidor. Em contrapartida, o enfoque neoclássico da teoria do comércio de Heckscher-Ohlin prioriza as diferenças internacionais nas dotações de fatores como sendo a principal causa das vantagens comparativas. Conforme essa teoria, um país exportará mercadorias que são intensivas no fator relativamente abundante nesse país, e importará bens intensivos no fator escasso.

Segundo Hidalgo (1998), as teorias mais recentes do comércio internacional enfatizam que à medida que se expandem os mercados e tornam-se mais complexos, outros fatores passam a interferir na dinâmica do comércio internacional, tais como: contratos, aumentos na exigência da qualidade dos produtos, barreiras comerciais e não tarifárias, economias de escala, concorrência imperfeita, padrões de demanda e diferenciação dos produtos. Desta forma, verifica-se que a competitividade no comércio internacional possui um significado além da vantagem comparativa, ou seja, outros fatores contribuem para a ampliação de seus mercados.

A competitividade consiste na capacidade de uma empresa, estado ou nação construir dinamicamente uma posição competitiva sustentável no tempo para determinados produtos ou grupos de produtos no mercado internacional, não sendo resultante de posições herdadas, mas de condições geradas a partir de estratégias consistentes e sustentáveis no tempo frente à concorrência. Portanto, a análise de competitividade para um dado produto possibilita formular estratégias capazes de manter ou aumentar sua posição competitiva no mercado internacional (GONÇALVES et al., 1995).

### 3 - METODOLOGIA

Os indicadores de desempenho que farão parte deste estudo compreendem o índice de vantagem comparativa revelada de Vollrath (RCAv), contribuição ao saldo comercial (CSC), competitividade revelada (CR) e comércio intraindústria (G-L).

#### 3.1 - Índice de Vantagem Comparativa Revelada de Vollrath

O índice de vantagem comparativa revelada tem sido frequentemente empregado nos estudos que pretendam avaliar a competitividade

das exportações de um dado setor. Entretanto, conforme Bender e Li (2002), esse indicador apresenta uma deficiência, já que incorre em uma dupla contagem do setor no total do país e do país no total do mundo. Para remover esse problema, esses autores recomendam o índice de vantagem comparativa revelada de Vollrath ( $RCAv_i$ ), que pode ser expresso pela equação (1):

$$RCAv_i = \frac{\frac{X_{ij}}{\left(\sum_i X_{ij}\right) - X_{ij}}}{\frac{\left(\sum_j X_{ij}\right) - X_{ij}}{\left[\left(\sum_j \sum_i X_{ij}\right) - \left(\sum_j X_{ij}\right)\right] - \left[\left(\sum_i X_{ij}\right) - X_{ij}\right]}} \quad (1)$$

Em que:  $i$  representa o cacau e suas preparações;  $j$  representa os Estados da Bahia e de São Paulo;  $X_{ij}$  é o valor das exportações baianas e paulistas do segmento cacau;  $\sum_i X_{ij}$  é o valor total das exportações baianas e paulistas;  $\sum_j X_{ij}$  é o valor total das exportações brasileiras de cacau e suas preparações; e  $\sum_j \sum_i X_{ij}$  é o valor total das exportações brasileiras.

Os estados analisados possuem vantagem comparativa revelada de Vollrath na exportação do segmento cacau em relação ao Brasil se o valor do indicador de  $RCAv_i$  exceder a unidade e, caso contrário, possuem desvantagem comparativa revelada de Vollrath.

### 3.2 - Índice de Contribuição ao Saldo Comercial

Conforme Lafay (1990), o índice de contribuição ao saldo comercial (CSC) compara o saldo comercial de cada produto considerado com seu saldo comercial teórico, permitindo a identificação da especialização das exportações. Este índice pode ser determinado a partir da expressão (2):

$$ICSC_i^t = \frac{100}{2} * \frac{(X^t + M^t)}{(X_i^t - M_i^t) - (X^t - M^t) * \frac{(X_i^t + M_i^t)}{(X^t + M^t)}} \quad (2)$$

Em que:  $X_i^t$  corresponde às exportações de cacau e suas preparações nos Estados da Bahia e de São Paulo no período  $t$ ;  $M_i^t$ , importações baianas e paulistas do segmento cacau no período  $t$ ;  $X^t$ , exportação total da Bahia e de São Paulo no período  $t$ ;  $M^t$ , importação total da Bahia e de São Paulo no período  $t$ .

A balança comercial verificada no produto  $i$  está indicada pelo primeiro termo entre colchetes e a balança comercial teórica para o produto  $i$  corresponde ao segundo termo entre colchetes.

O segmento enfocado possui vantagem comparativa revelada quando a  $CSC$  for positiva; caso contrário, o segmento apresenta desvantagem comparativa revelada.

### 3.3 - Índice de Competitividade Revelada

De acordo com Machado, Ilha e Rubin (2007), o índice de competitividade revelada (CR) consiste em um indicador abrangente, tendo em vista que considera todo o comércio, ou seja, além dos dados de exportações, incorpora também as importações.

O índice de CR de um dado segmento  $i$  em um estado  $j$  pode ser indicado pela expressão (3):

$$CR_{ji} = \ln \left[ \frac{X_{ji} / X_{ir}}{X_{jm} / X_{mr}} \bigg/ \frac{M_{ji} / M_{ir}}{M_{jm} / M_{mr}} \right] \quad (3)$$

Em que  $i$  representa o cacau e suas preparações;  $j$  refere-se aos Estados da Bahia e de São Paulo;  $X_{ji}$ , valor de  $i$  exportado pelo estado  $j$ ;  $X_{ir}$ , valor das exportações brasileiras de  $i$ ;  $X_{jm}$ , diferença entre o valor total exportado pelo estado  $j$  e o valor exportado de  $i$  pelo estado  $j$ ;  $X_{mr}$ , diferença entre o valor total exportado pelo Brasil e o valor total exportado pelo estado  $j$ ;  $M_{ji}$ , valor de  $i$  importado pelo estado  $j$ ;  $M_{ir}$ , valor das importações brasileiras de  $i$ ;  $M_{jm}$ , diferença entre o valor total importado pelo estado  $j$  e o valor importado de  $i$  pelo estado  $j$ ; e  $M_{mr}$ , diferença entre o valor total importado pelo Brasil e o valor total importado pelo estado  $j$ .

O estado apresenta vantagem competitiva no fluxo comercial do segmento considerado se CR for positivo; caso contrário, o segmento

possui desvantagem competitiva.

### 3.4 - Comércio Intraindústria

A presença de economias de escala, a diferenciação de produtos e a imperfeição de mercado são variáveis que explicam o comércio intraindústria (KRUGMAN; OBSTFELD, 2005). Para Hidalgo e Mata (2004), o conhecimento desse tipo de comércio é importante na construção de estratégias de inserção internacional para uma economia, visto que geralmente a expansão do comércio nos processos de integração econômica ocorre através dessa forma de comércio.

De posse dessas considerações, buscou-se avaliar o comércio intraindústria do segmento cacau nos Estados da Bahia e em São Paulo. Para isso, utilizou-se o índice formulado por Grubel e Lloyd (G-L) (1975), que pretende mensurar o valor da sobreposição entre exportações e importações no comércio total de um segmento  $i$ , podendo ser expresso pela equação (4):

$$G - L = \frac{(X_i + M_i) - |X_i - M_i|}{(X_i + M_i)} = I - \frac{|X_i - M_i|}{X + M} \quad (4)$$

Em que  $X_i$  e  $M_i$  correspondem ao valor das exportações e importações do segmento  $i$ , respectivamente;  $(X_i + M_i)$  é o comércio total do segmento  $i$ ;  $(X_i + M_i) - |X_i - M_i|$  é o comércio intraindústria;  $|X_i - M_i|$  é o comércio interindústria.

Este indicador varia entre 0 e 1, sendo que seguindo a classificação sugerida por Silva e Ilha (2004), o comércio é considerado como intraindústria quando o valor do  $G - L = 1$ , sendo proveniente dos efeitos das economias de escala e da diferenciação de produtos. Por outro lado, o comércio é dito interindústria e não há efeitos das economias de escala e da diferenciação de produtos caso  $G - L = 0$ . Além dessas classificações, diz-se que há uma predominância do comércio intraindústria quando  $G - L > 0,5$ , indicando que os efeitos das economias de escala e da diferenciação de produtos compensam os efeitos associados às diferenças na dotação

relativa dos fatores e o comércio apresenta predominância interindustrial se o  $G - L \leq 0,5$ . Neste caso, os efeitos das economias de escala e da diferenciação de produtos são compensados pelos efeitos relacionados às diferenças na dotação relativa dos fatores.

### 3.5 - Natureza dos Dados

Os dados adotados neste estudo contemplaram os valores das exportações e importações dos Estados da Bahia e de São Paulo e do Brasil entre 1997 e 2011 para o cacau e suas preparações. Tais dados foram coletados junto à Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), órgão vinculado ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), expressos em US\$ Free on Board (FOB) do Brasil (MDIC/SECEX, 2012).

## 4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados deste trabalho são apresentados e discutidos nesta seção, sendo que inicialmente aborda-se o perfil da balança comercial do cacau nos dois maiores Estados brasileiros, que comercializam este produto com o mercado internacional (Bahia e São Paulo). A parte seguinte foca-se nos indicadores de desempenho exportador do cacau nestes dois estados.

### 4.1 - Balança Comercial do Cacau nos Estados da Bahia e de São Paulo

Com base nos dados descritos na tabela 2, verifica-se que o cacau apesar de ter apresentado comportamento oscilatório quanto ao valor das exportações e das importações, este segmento foi responsável pela geração de divisas para o Estado da Bahia, já que registrou saldo positivo em sua balança comercial durante os últimos quinze anos.

No tocante ao Estado de São Paulo, os dados da tabela 3 mostram que embora o valor exportado de cacau tenha apresentado acréscimo (59,81%), sendo superior à taxa de crescimento do valor das importações (39,51%), quando se compara o ano de 1997 com 2011, verifica-

TABELA 2 - Balança Comercial Baiana de Cacau no Período, 1997 a 2011 (US\$ FOB)

Ano	Exportação	Importação	Saldo
1997	122.641.140	21.592.135	101.049.005
1998	145.398.369	20.020.047	125.378.322
1999	104.751.320	86.751.152	18.000.168
2000	99.276.104	61.040.597	38.235.507
2001	89.763.064	32.308.435	57.454.629
2002	134.504.071	95.100.226	39.403.845
2003	213.271.752	101.444.123	111.827.629
2004	194.066.205	60.938.561	133.127.644
2005	224.422.685	81.774.712	142.647.973
2006	209.585.026	91.730.889	117.854.137
2007	224.650.496	160.822.479	63.828.017
2008	262.214.836	160.810.881	101.403.955
2009	234.193.224	196.449.459	37.743.765
2010	296.244.851	173.958.663	122.286.188
2011	284.570.655	127.573.281	156.997.374

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da MDIC/ SECEX (2012).

TABELA 3 - Balança Comercial Paulista de Cacau no Período, 1997 a 2011 (US\$ FOB)

Ano	Exportação	Importação	Saldo
1997	33.769.264	63.036.438	-29.267.174
1998	25.421.705	47.208.264	-21.786.559
1999	21.431.212	17.328.900	4.102.312
2000	26.708.090	12.757.344	13.950.746
2001	41.287.666	14.376.842	26.910.824
2002	27.715.902	20.243.672	7.472.230
2003	53.180.239	30.748.127	22.432.112
2004	59.792.943	15.718.165	44.074.778
2005	86.170.900	21.350.050	64.820.850
2006	71.997.166	28.619.650	43.377.516
2007	64.038.059	36.903.315	27.134.744
2008	55.936.247	36.245.828	19.690.419
2009	40.976.739	54.620.291	-13.643.552
2010	47.272.767	59.467.205	-12.194.438
2011	53.966.136	87.943.675	-33.977.539

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da MDIC/ SECEX (2012).

-se que o cacau gerou saldo negativo na balança comercial para o estado de São Paulo nos dois primeiros anos e nos três últimos anos da série considerada.

Esse comportamento paulista, evidenciado no início do período enfocado, pode ser atribuído aos fatores de entrave verificados na competitividade do cacau brasileiro no mercado externo como a forte apreciação da taxa real de

câmbio efetiva resultante do Plano Real, assim como a intensa manipulação das companhias multinacionais na intermediação e comercialização do cacau, conforme apontado por Ramalho e Targino (2003). Em relação ao déficit da balança comercial deste segmento observado a partir de 2009 ele pode ser reflexo da crise financeira internacional ocorrida nesse ano supracitado, visto que essa crise ocasionou redução da renda externa, o que, por sua vez, desestimulou a demanda pelas exportações brasileiras e paulistas de cacau, sobretudo por parte dos Estados Unidos.

Conforme descrito, apesar de as exportações cacauceiras nos dois maiores Estados exportadores terem oscilado durante o período analisado, é perceptível pela figura 1 que há uma tendência de crescimento ao longo dessa série, sendo que o Estado da Bahia absorveu os maiores ganhos de exportação desse segmento.

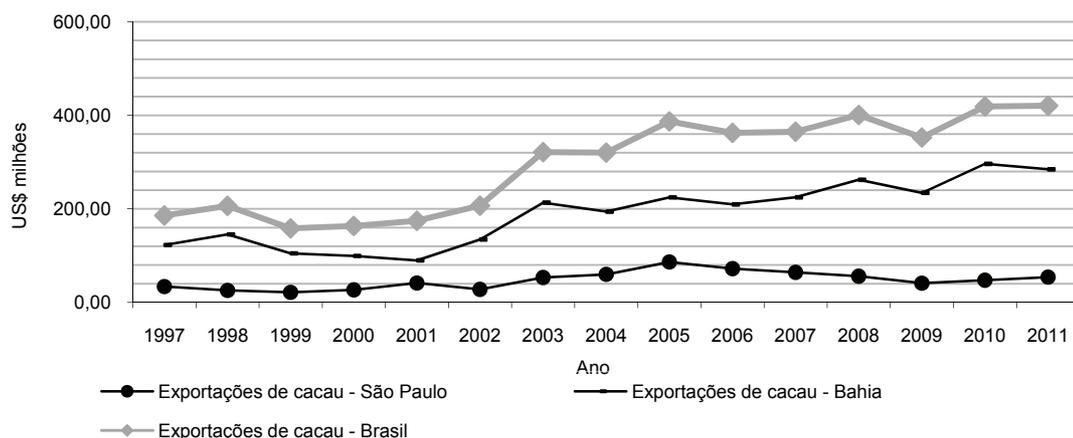
#### 4.2 - Análise dos Indicadores de Desempenho Exportador do Cacau nos Estados da Bahia e de São Paulo

Para avaliar a competitividade das exportações do cacau e suas preparações nos dois Estados (Bahia e São Paulo), que tiveram maior destaque brasileiro em termos de valor exportado, levaram-se em consideração os índices de vantagem comparativa revelada de Vollrath, de contribuição ao saldo comercial, de competitividade revelada e comércio intraindústria.

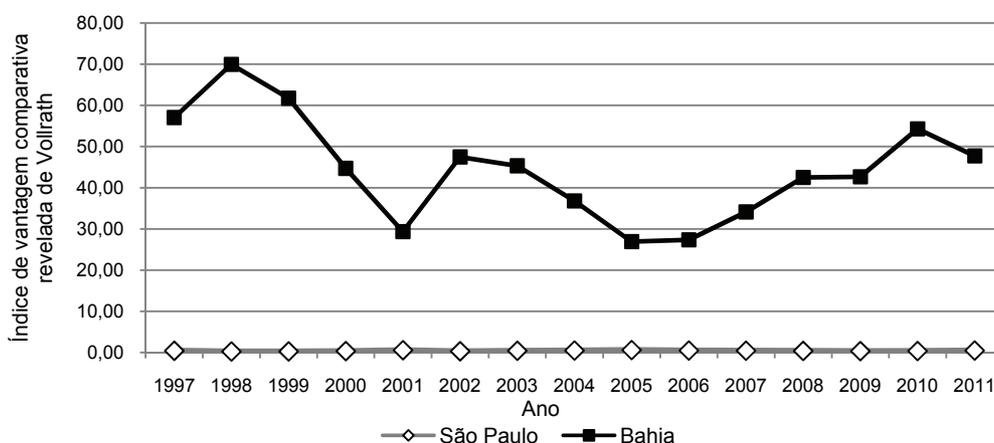
##### 4.2.1 - Índice de vantagem comparativa revelada de Vollrath

A evolução do índice de vantagem comparativa revelada de Vollrath encontra-se ilustrada na figura 2. Conforme se verifica, o Estado de São Paulo apresenta desvantagem comparativa revelada de Vollrath para o segmento de cacau durante todo o período analisado, já que obteve valores menores que a unidade, estando próximos a zero.

Em contrapartida, o Estado da Bahia possui grande vantagem comparativa revelada de Vollrath, uma vez que os valores desse índice foram muito superiores à unidade em toda a série analisada, sendo que o menor valor registrado foi



**Figura 1** - Evolução das Exportações Baianas, Paulistas e Brasileiras de Cacau, 1997 a 2011.  
Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da MDIC/SECEX (2012).



**Figura 2** - Índice de Vantagem Comparativa Revelada de Vollrath, Estados de São Paulo e da Bahia, 1997 a 2011.  
Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados do MDIC/SECEX (2012).

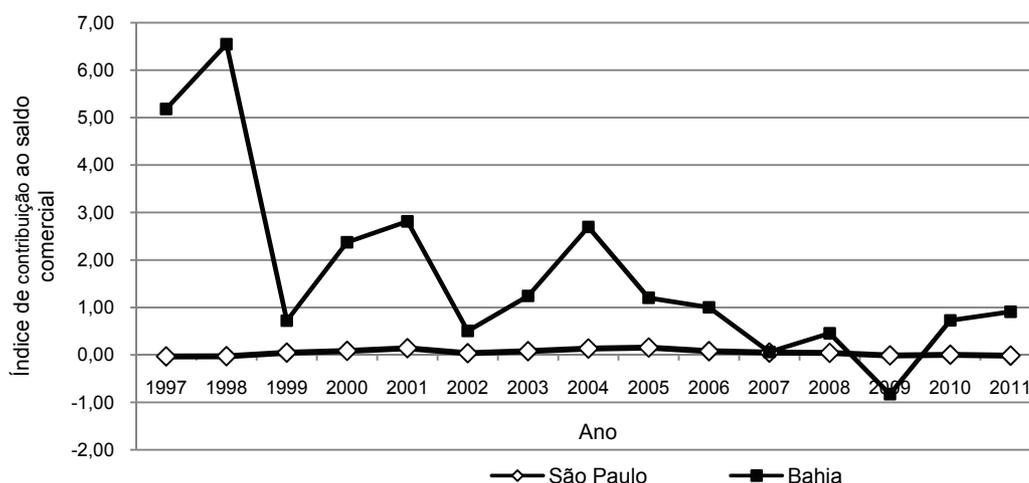
26,93 em 2005, enquanto seus valores excederam aos 60,00 nos anos de 1998 e 1999. Esses dados indicam que mesmo com o declínio ocorrido no segmento cacauzeiro, nota-se que o cacau e suas preparações ainda se configuram como relevantes na pauta das exportações baianas.

#### 4.2.2 - Índice de contribuição ao saldo comercial

Apesar de o índice de contribuição ao saldo comercial ter registrado valores muito baixos, bem próximos de zero, como se observa

pela figura 3, o segmento do cacau tem gerado saldo comercial positivo no estado paulista no período analisado, com exceção dos dois primeiros anos e dos três últimos anos da série conforme mostrado na tabela 2, em que os valores do índice de CSC foram negativos.

Os resultados deste índice para o Estado da Bahia confirmam os dados verificados no índice de vantagem comparativa revelada de Vollrath de que o segmento cacauzeiro apresenta vantagem comparativa, contribuindo para seu saldo comercial positivo durante todo o período avaliado, com a única exceção indicada em 2009, que registrou valor negativo. Isso pode ser atri-



**Figura 3** - Índice de Contribuição ao Saldo Comercial, Estados de São Paulo e da Bahia, 1997 a 2011.  
Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados do MDIC/SECEX (2012).

buída à crise financeira internacional, como justificado anteriormente. Outro dado que também chama atenção nesta figura é o forte declínio do índice de CSC deste segmento entre 1998 e 1999. Conforme Ramalho e Targino (2003), essa redução das exportações no final do segundo milênio pode ser reflexo de um conjunto de fatores, entre os quais, pode-se citar uma doença, conhecida como “vassoura-de-bruxa”, que se alastrou sobre as lavouras cacaueiras baianas, a partir de 1995, acarretando uma forte redução da produção. Conforme esses autores, a falta de políticas em favor das exportações em conjunto com a apreciação real da taxa de câmbio efetiva, que reduziu a competitividade desse segmento e a redução da renda externa resultante da crise financeira internacional ocorrida em 1999, também repercutiu nesse comportamento.

#### 4.2.3 - Índice de competitividade revelada

Ao se avaliar o desempenho exportador do cacau no Estado da Bahia pelo índice de competitividade revelada, percebe-se por meio da figura 4 que esse segmento apresenta vantagem competitiva para o período antes de 1999. A partir de então, nota-se que o comportamento oscila, com predominância para valores menores que a unidade, o que indica a presença de desvantagem competitiva. Entretanto, essa evidência não é observada no último ano analisado, ou

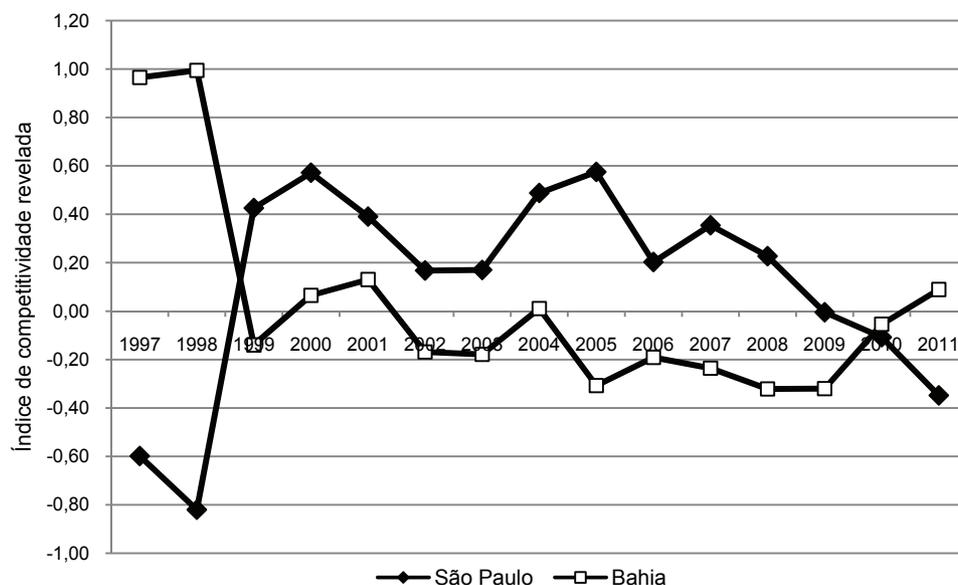
seja, o cacau registrou vantagem competitiva para o estado baiano em 2011.

No tocante ao Estado de São Paulo, verifica-se que o cacau não apresentou vantagem competitiva nos dois primeiros anos da série e nos três últimos anos analisados, corroborando os resultados encontrados neste período para o índice de vantagem comparativa revelada de Vollrath e de contribuição ao saldo comercial, sendo justificado pelas razões já apresentadas.

#### 4.2.4 - Comércio intraindústria

Conforme se verifica pela tabela 4, a maioria dos valores do índice de comércio intraindústria está acima de 0,50 em ambos os estados brasileiros analisados, sinalizando que há uma predominância do comércio intraindústria em grande parte dos anos considerados.

Tais resultados indicam que os Estados da Bahia e de São Paulo, em parcela majoritária do período em análise, produziram bens com características diferenciadas dos seus concorrentes, com ganhos provenientes de economias de escala e da demanda de seus parceiros comerciais. Isso significa dizer que nesses estados os efeitos das economias de escala e da diferenciação de produtos compensam os efeitos associados às diferenças na dotação relativa dos fatores.



**Figura 4** - Índice de Competitividade Revelada, Estados de São Paulo e da Bahia, 1997 a 2011.  
Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados do MDIC/SECEX (2012).

**TABELA 4** - Índice de Comércio Intraindústria do Segmento Cacau nos Estados da Bahia e São Paulo, 1997-2011

Ano	Bahia	São Paulo
1997	0,30	0,70
1998	0,24	0,70
1999	0,91	0,89
2000	0,76	0,65
2001	0,53	0,52
2002	0,83	0,84
2003	0,64	0,73
2004	0,48	0,42
2005	0,53	0,40
2006	0,61	0,57
2007	0,83	0,73
2008	0,76	0,79
2009	0,91	0,86
2010	0,74	0,89
2011	0,62	0,76

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da MDIC/SECEX (2012).

## 5 - CONCLUSÕES E SUGESTÕES

As exportações do segmento cacauero e suas preparações apresentaram tendência perceptível de crescimento nos últimos anos com elevada oscilação na balança comercial em ambos os estados estudados, sendo que ela se

apresentou superavitária para o estado baiano, em todos os anos analisados, enquanto para o Estado de São Paulo demonstrou déficits comerciais tanto no início quanto no término da série temporal estudada.

Ao se avaliar a competitividade das exportações do segmento cacauero desses estados pela ótica do índice de vantagem comparativa revelada de Vollrath, observou-se que o Estado da Bahia apresenta valores elevados para esse índice, indicando que este segmento exerce grande relevância na sua pauta exportadora. Entretanto, esse resultado não se replicou para o Estado de São Paulo, demonstrando que o mesmo não possui vantagens comparativas nesse segmento em relação aos seus concorrentes nacionais. Além disso, verifica-se que, conforme o índice de comércio intraindústria, tanto no estado baiano quanto no estado paulista, no período em análise, há predominância dos efeitos das economias de escala e da diferenciação de produtos, o que compensa os efeitos associados às diferenças na dotação relativa dos fatores nestes estados.

No tocante à contribuição deste segmento ao saldo comercial, observa-se a sua importância para o superávit, através do índice de contribuição ao saldo comercial em ambos os estados, com exceção dos anos em que o Estado de São Paulo obteve déficits em sua balança comercial e em 2009 para o Estado da Bahia.

Ademais, percebe-se que há uma distinção na magnitude deste índice para ambos os estados, com destaque para Bahia que mesmo apresentando os melhores resultados, em média, obteve uma forte redução neste indicador.

Portanto, para se obter maior competitividade na cacauicultura, constata-se a necessidade de medidas estratégicas, como a substituição de árvores por variedades mais produtivas e resistentes à doença e a adoção de novas tecnologias agrícolas eficientes, destinadas ao desen-

volvimento sustentável da produção, promovendo a diversificação da produção e a agregação de valor. Essas medidas podem tornar o segmento mais competitivo, garantindo maior inserção da sua produção no mercado externo e melhores saldos comerciais, haja vista que ambos os estados têm apresentado nos últimos anos baixo grau de competitividade revelada, com leve recuperação no ano de 2011 para o Estado da Bahia, e queda na sua contribuição para o superávit da balança comercial.

## LITERATURA CITADA

BARBOSA, W. F. et al. Desempenho exportador do setor de carnes em Santa Catarina. In: ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE, 6., 2012, Joinville. **Anais...** Joinville: APEC, 2012.

BATRA; A.; KHAN, Z. Revealed comparative advantage: an analysis for India and China. **Working Paper**, n. 168, 85 p., 2005,

BENDER, S.; LI, K. H. **The changing trade and revealed comparative advantages of Asian and Latin American manufacture exports**. Center Discussion Paper no 843: Yale University Economic Growth Center, 2002. 26 p. Disponível em: <[http://www.econ.yale.edu/growth\\_pdf/cdp843.pdf](http://www.econ.yale.edu/growth_pdf/cdp843.pdf)>. Acesso em: 19 jan. 2012.

COMISSÃO EXECUTIVA DO PLANO DA LAVOURA CACAUEIRA - CEPLAC. **Cacau: história e evolução**. Distrito Federal: CEPLAC. Disponível em: <[http://www.ceplac.gov.br/radar/radar\\_cacau.htm](http://www.ceplac.gov.br/radar/radar_cacau.htm)>. Acesso em: 24 out. 2013.

CORONEL, D. A.; SOUSA, E. P.; AMORIM, A. L. Desempenho exportador do mel natural nos estados brasileiros. **Pesquisa e Debate**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 343-360, 2011.

CUENCA, M. A. G.; NAZÁRIO, C. C. Importância econômica e evolução da cultura do cacau no Brasil e na região dos tabuleiros costeiros da Bahia entre 1990 e 2002. **Embrapa Tabuleiros Costeiros**, Aracajú, 2014. (Embrapa Tabuleiros Costeiros. Documentos, 72).

ESPERANÇA, A. A.; LÍRIO, V. S.; MENDONÇA, T. G. Análise comparativa do desempenho exportador de flores e plantas ornamentais nos estados de São Paulo e Ceará. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 42, n. 2, p. 259-285, 2011.

ESTIVAL, K. G. S.; CORREA, S. R. S.; CINTRA, L. A. V. Do consumo de chocolates à produção cacauífera: alternativas para agregar valor à cadeia produtiva do cacau fino em Ilhéus/Bahia/Brasil. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL, 8., 2010, Porto de Galinhas. **Anais...** Porto de Galinhas: ALASRU, 2010.

FERTŐ, I.; HUBBARD, L. J. Revealed comparative advantage and competitiveness in Hungarian agri-food sectors. **Discussion Papers**, 2002, 17 p.

GONÇALVES, J. S. et al. Competitividade e complementaridade dos complexos de frutas e hortaliças dos países do Cone Sul: discussão sob a ótica da inserção brasileira. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 1-52, 1995.

GONZALES, A. D. F. et al. Desenvolvimento sustentável para o resgate da cultura do cacau baseado no aproveitamento de resíduos. **Interfaces Científicas/Saúde e Ambiente**, Aracaju, v. 1, n. 2, p. 41-52, 2013.

GRUBEL, H.; LLOYD, P. **Intra-industry trade**: the theory and the measurement of international trade in differentiated products. London: Macmillan, 1975.

HIDALGO, A. B. Especialização e competitividade do Nordeste no mercado internacional. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 29, n. especial, p. 491-515, 1998.

\_\_\_\_\_.; MATA, D. F. P. G. Exportações do estado de Pernambuco: concentração, mudança na estrutura e perspectivas. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 35, n. 2, p. 264-283, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Produção agrícola municipal**. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 22 maio 2012.

KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M. Economia internacional. **Teoria e Política**, São Paulo: MAKRON Books, 2005. 558 p.

LACAYO, R; MORALES, C. An analysis of the performance of Chilean agricultural exports (1994-2004). **Interciencia**, Vol. 32, Issue 5, pp. 296-302, may 2007.

LAFAY, G. Mesure des avantages comparatifs reveles. **Économie Perspective Internationale**, v. 41, n. 1, p. 12-15, 1990.

MACHADO, T. A.; ILHA, A. S.; RUBIN, L. S. Competitividade da carne bovina brasileira no comércio internacional (1994-2002). **Cadernos PROLAM/USP**, São Paulo, ano 6, v. 1, p. 87-101, 2007.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Secretaria de Comércio Exterior - MDIC/SECEX. **Sistema de análise das informações de comércio exterior (ALICE)**. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em: 19 ago. 2012.

PASSOS, C. R. M.; NOGAMI, O. **Princípios de economia**. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 2005. 658 p.

RAMALHO, H. M. B.; TARGINO, I. A evolução das exportações brasileiras de cacau: uma análise do período de 1950 a 2000. In: WORKSHOP REDENORDESTE RECORTES SETORIAIS DA ECONOMIA NORDESTINA, 1., 2003, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: EBAH, 2003.

SERIN, V.; CIVAN, A. Revealed comparative advantage and competitiveness: a case study for turkey towards the EU. **Journal of Economic and Social Research**, USA, Vol. 10, Issue 2, pp. 25-41, 2008.

SILVA, M.; ILHA, A. S. Avaliação do padrão de comércio Brasil-Argentina no período 1989-2001: uma ênfase no comércio intra-indústria. **Revista de Integração Latino-americana**, Santa Maria, v. 1, n. 1, p. 99-122, 2004.

SOARES, N. S.; SOUSA, E. P.; BARBOSA, W. F. Competitividade do agronegócio cearense no comércio internacional, 2001 a 2010. In: SOUSA, E. P.; SOUZA, F. L. M.; JUSTO, W. R. (Orgs.). **Economia regional**, Fortaleza: Premius, 2012. p. 232-264.

## COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DO SEGMENTO CACAUEIRO NOS ESTADOS DA BAHIA E DE SÃO PAULO

**RESUMO:** Este estudo busca avaliar a competitividade das exportações do cacau e suas preparações nos dois maiores estados brasileiros exportadores, Bahia e São Paulo, durante os últimos quinze anos. Para tal, empregaram-se os indicadores de vantagem comparativa revelada de Vollrath, contribuição ao saldo comercial, competitividade revelada e comércio intraindústria. Os dados foram obtidos junto à Secretaria de Comércio Exterior. Os resultados indicaram que o estado baiano apresenta vantagem comparativa no segmento cacauero, porém o mesmo não é verificado no estado paulista. Verificou-se também predominância de comércio intraindústria para esse segmento em ambos os estados na maior parte do período analisado.

**Palavras-chaves:** cacau, comércio internacional, Bahia, São Paulo.

## SAO PAULO'S AND BAHIA'S COCOA INDUSTRY COMPETITIVENESS

**ABSTRACT:** We aimed to evaluate the competitiveness of exports of cocoa and cocoa preparations in the two top Brazilian exporting states, Bahia and São Paulo, over the last fifteen years. To that end, Vollrath's revealed comparative advantage indicators, contribution to the balance of trade, revealed competitiveness and intra-industry trade were used. The data were obtained from Brazil's Foreign Trade Bureau. The results show that the state of Bahia presents comparative advantage in the cocoa segment, but the state of São Paulo does not. We also observed a predominance of intra-industry trade in this segment in the states of Bahia and São Paulo during most of the period under analysis.

**Key-words:** cocoa, international trade, Bahia, São Paulo.

---

Recebido em 01/03/2013. Liberado para publicação em 19/11/2013.